

REPRESENTAÇÃO FEMININA EM ANIMAÇÕES JAPONESAS E SUA PROBLEMATIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DO *PODCAST OTAMINAS*¹

*Euelin Padilha Bitencourt*²

*Carla Simone Doyle Torres*³

Resumo

Apesar do aumento no número de pesquisas acadêmicas voltadas para questões de gênero, feminismo e construção do feminino na mídia, pouco se discute acerca da representação feminina em animações japonesas. Voltado a esta temática, o presente artigo é resultado de um estudo do *podcast Otaminas*. Por meio da análise de discurso de linha francesa (MAINGUENEAU, 1997; CHARADEAU, 2008), o objetivo principal é compreender como o discurso engendrado pelo *Otaminas* desconstrói essa representação, além de avaliar o contexto no qual termos do campo semântico feminista e do universo *otaku* são usados no *podcast*, verificar como as visões orientais e ocidentais do feminismo são evocadas durante a discussão do programa e, por fim, observar como aspectos ligados ao feminino, apresentados no anime, são ressignificados na fala das *podcasters*.

Palavras-chave: *Análise de discurso; Podcast; Jornalismo de gênero; Representação feminina; Feminismo asiático.*

INTRODUÇÃO

A representação das mulheres em filmes, novelas, livros e principalmente nos universos *geek* e *nerd* tem sido discutida com mais frequência nas pesquisas acadêmicas nas últimas décadas. A abertura de um espaço social para a abordagem do feminismo criou

¹ Artigo desenvolvido com base na monografia *(Des)Construção da representação feminina em animações japonesas: uma análise do podcast Otaminas*.

² Jornalista pela Universidade Franciscana (UFN) de Santa Maria. E-mail: evemayer320@gmail.com

³ Jornalista e Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Franciscana (UFN). E-mail: carla.doyle@gmail.com

uma brecha para que tais questões viessem à tona. Dentro desse assunto, verifica-se a grande presença de mulheres que participam ativamente do universo *otaku*. O termo japonês é usado para designar os fãs de mangás, histórias em quadrinhos, também chamadas de HQs, e animes, animações japonesas. Os estereótipos femininos criados nas animações geram o questionamento sobre seu impacto no público consumidor, em especial, o feminino.

Voltado a este tema, o *podcast Otaminas* é produzido apenas por mulheres e tem o objetivo de problematizar esse universo. Questões como o uso do estupro como recurso narrativo, a representação feminina nos animes e mangás, a presença de mulheres em animações de esporte, a desmistificação de termos pejorativos relacionados a personagens LGBTQIA+, o padrão de belo e feio nos animes e o impacto do consumo deste tipo de conteúdo em nosso cotidiano são debatidas pelas *podcasters*.

Muito embora o protagonismo feminino na produção de *podcasts* tenha apresentado crescimento nos últimos anos, como nos mostra a *PodPesquisa 2019*⁴, a maioria das mulheres ainda é vista e retratada como frágil, incapaz e submissa pela mídia e pela indústria do entretenimento. Esse tipo de comportamento pode ser observado com frequência nas animações japonesas, nas quais os arquétipos femininos são divididos em diferentes classificações, separando as mulheres em um número limitado de personalidades pré-estabelecidas e restringindo a psique feminina em termos emocionais e intelectuais.

A romantização de relacionamentos abusivos, da dependência emocional e do assédio moral, verbal e sexual também é comum em obras do gênero, sendo atenuada e justificada pelo comportamento protetor do personagem masculino. Essa caracterização também serve como justificativa para a inserção de cenas com teor erótico nas tramas, conhecidas como *ecchi*, com o propósito único de trazer apelo sexual para o “divertimento” dos fãs, e agindo, em muitos casos, como uma apologia à pedofilia.

Nesse sentido, o presente trabalho é o resultado de um estudo realizado em 2020 acerca do papel das personagens femininas em animações japonesas. Para tanto, o uso do *podcast* como ferramenta de empoderamento, a história dos mangás e animes, a presença das mulheres nas publicações destas obras, a representação feminina e masculina no oriente e os estereótipos presentes nas animações são abordados, brevemente, durante o trabalho. Com o objetivo de destacar a necessidade do debate sobre a representação

⁴ Disponível em: <<https://buzzfeed.com.br/post/38-podcasts-feitos-por-mulheres-para-comecar-a-ouvir-em-marco>>. Acesso em: 21 Jun. 2021.

feminina na indústria dos animes e mangás, a qual, além de ser um nicho emergente, atinge mulheres de todas as idades, o problema central do estudo que dá origem a este artigo é compreender como o discurso feito pelo *podcast Otaminas* desconstrói essa representação.

Para responder a esta dúvida, seguiram-se os seguintes passos: seleção de programas e artigos publicados no site do *Otaminas* que contemplem a temática da representação da mulher e concepções machistas reproduzidas nas animações; avaliação do contexto no qual termos do campo semântico feminista e do universo *otaku* são usados no *podcast*; verificação de como as visões orientais e ocidentais do feminismo são evocadas durante a discussão do programa; e, por fim, observação de como aspectos ligados ao feminino, apresentados no anime, são ressignificados na fala das *podcasters*.

PODCAST: UMA FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO

O surgimento da web 2.0 e a expansão da convergência tecnológica dos anos 2000 contribuíram para que novas formas de interação entre produtores e consumidores de conteúdo fossem estabelecidas. As principais características deste novo ambiente virtual foram a exploração da inteligência coletiva, fomentada pelas contribuições dos usuários da rede na criação de conteúdos gratuitos, e o estabelecimento de relações mais horizontais entre os usuários da internet.

Os *podcasts* surgem em meio às expectativas de um público exigente e cada vez mais interessado em acessar mídias de nicho e no consumo de conteúdos de maneira assíncrona, em qualquer hora ou lugar. De acordo com Primo (2005), essas mídias atuam no sentido de produzir conteúdo para um público alvo bem segmentado, com a característica de serem feitas sob demanda, a partir de constantes pesquisas de *marketing*, as quais determinarão as classificações. O termo *podcast* faz referência à forma de disseminação dos arquivos de áudio, adaptados do formato RSS para o agregador *iTunes*, inicialmente conhecida como *RSStoIPod* e que, após a intervenção de Adam Curry⁵, passou a se chamar *podcasting*⁶.

A democratização da produção e distribuição dos programas de áudio transforma o *podcast* em uma ferramenta de empoderamento, permitindo a dispersão de conteúdos relacionados à representação do feminino em diferentes mídias. Uma pesquisa lançada em

⁵ Empresário estadunidense e funcionário da MTV.

⁶ União dos termos *iPod* e *broadcasting*.

2019 no *Twitter* pelo *Olhares Podcast*⁷ contabilizou 200 produções brasileiras de *podcast* que possuem mulheres em suas equipes. Se esse número chegar a uma, ou duas mulheres por grupo, é provável que, em breve, tenhamos cerca de 500 mulheres trabalhando na área.

OS MANGÁS E AS ANIMAÇÕES

A palavra *mangá* foi popularizada por *Katsushika Hokusai*, responsável pela publicação do *Hokusai Manga*. O *Hokusai* é uma série de livros ilustrados em 15 volumes, publicados entre os anos de 1814 a 1878, retratando o dia a dia das pessoas e usando representações bastante fiéis da estrutura muscular do corpo humano. No entanto, de acordo com Vasconcellos (2006), a história dos mangás tem seu início no século XII, com os *emaki-mono*. Esse estilo de arte visual japonesa consistia em um único rolo de pergaminho que, ao longo de dez metros de comprimento, apresentava uma narrativa.

A explosão do mangá como manifestação artística ocorreu no fim dos anos 1920 e a versão moderna dos quadrinhos pode ter sido inspirada pelas charges dos jornalistas americanos, produzidas no período entreguerras. A primeira quebra na indústria dos mangás também ocorreu por influência norte-americana, durante o Crack da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, gerando a divisão das obras em faixa etária e gênero como uma forma de censura do governo japonês.

O segundo momento de crise aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial, por questões econômicas. Acreditando que a produção dos mangás gerava um rombo na economia nacional, os militaristas e ultranacionalistas deram um basta na produção, limitando-a à propaganda militar e governamental. Esse cenário só se modificou a partir do fim da guerra e, em meio à crise econômica japonesa, os mangás voltaram a crescer na forma de pequenos livros vermelhos. Os *akai-hon* eram feitos em papel barato e garantiram mais liberdade de expressão por parte dos autores.

A origem dos animes, por outro lado, data de 1907, quando a primeira⁸ animação japonesa contou a história de um marinheiro em apenas 50 *frames*⁹. As animações só foram levadas à televisão em 1958, quando a Nippon Television exibiu *Mole's Adventure* e, mesmo assim, elas não fizeram sucesso na rede televisiva japonesa até a chegada dos

⁷ Disponível em: <<http://olharespodcast.com.br/200-podcasts-com-mulheres-podcasters/>>. Acesso em: 21 Jun. 2021.

⁸ Sem título e com autor desconhecido.

⁹ Cada frame corresponde a um quadro, ou imagem fixa, de um produto audiovisual.

anos 1960. Em 1963, *Astro Boy* marcou a era de ouro das animações japonesas. A versão colorida da série de *Osamu Tesuka* só chegaria ao Brasil em 2003.

Os anos 1990 marcaram o ápice dos animes em solo brasileiro, com as exibições de *Cavaleiros do Zodíaco*, *Sailor Moon* e *Yu Yu Hakusho*. Em 2000, mais animações famosas chegaram ao país: *Sakura Card Captors*, *Medabots*, *Monster Ranch*, *Digimon* e *Pokémon*. Entre outras estreias de sucesso, ainda podemos citar *Fullmetal Alchemist*, *Bleach*, *Death Note*, *Samurai X*, *Hunter x Hunter* e *Neon Genesis Evangelion*.

Assim como os mangás, os animes passaram por um processo de classificação baseado no público-alvo, que tem como critérios questões de gênero e faixa etária. As classificações mais comuns, também conhecidas como demografias, são: *shoujo*, *shounen*, *seinen* e *josei*. As obras consideradas *shoujo* e *josei* têm as adolescentes e mulheres maduras como público-alvo, respectivamente. Já as temáticas masculinas são abordadas pelas demografias *shounen* e *seinen*, visando a homens mais jovens e adultos, respectivamente.

OS ESTEREÓTIPOS NAS ANIMAÇÕES E AS REPRESENTAÇÕES MASCULINAS E FEMININAS NO ORIENTE E NO OCIDENTE

Os personagens de animação têm traços bastante característicos, que se modificam conforme a intenção que o autor pretende passar e são ressaltados pelo formato dos olhos e pelas cores de cabelo chamativas. As personalidades também são retratadas de maneira semelhante, e algumas destas costumam aparecer com mais frequência nas narrativas. É importante ressaltar que os arquétipos servem para rotular comportamentos como femininos e masculinos, retomando a ideia de que papéis de gênero e atitudes socialmente inaceitáveis são naturais e não devem gerar discussões. A naturalização exagerada de temas sensíveis pode levar à fetichização da pedofilia e a uma distorção da realidade comportamental humana, contribuindo para que os jovens tenham dificuldades em interagir com pessoas fora do âmbito 2D.

A restrição de capacidades psicológicas, intelectuais e emocionais é mais comum em personagens femininas, que também são submetidas a um padrão ideal de estrutura física, geralmente magra, mas com curvas bem definidas e seios fartos. A gordofobia e a apologia aos distúrbios alimentares ocorrem de maneira indiscriminada, como pode ser observado no anime *Watashi ga Motete Dousunda* (traduzido para o inglês como *Kiss Him*,

not me!). Na trama, a protagonista *Kae* passa por um processo de emagrecimento decorrente da depressão, ficando dez dias trancada no quarto sem se alimentar. Ao fim do confinamento, a jovem aparece magra e completamente saudável, sem indícios físicos da perda abrupta de peso, reforçando a romantização de distúrbios alimentares e mentais.

Quanto à construção da psique feminina, destaca-se o grupo composto pelas *deres*. As capacidades cognitivas, intelectuais e emocionais são, de certa maneira, ignoradas para a criação das personagens que desenvolvem sua personalidade a partir de sua relação com o protagonista masculino, criando um grupo seletivo e reduzido de arquétipos. Entre suas principais características, pode-se citar: a apologia e a fetichização dos relacionamentos abusivos; a desvalorização da inteligência feminina; a futilidade; a ultrafeminilidade; a valorização do feminino contido e reservado; e a necessidade de seguir o padrão de beleza ditado pela sociedade.

Antes de analisarmos a representação feminina e masculina no Oriente e no Ocidente, é necessário retomarmos a influência do inconsciente coletivo na criação de arquétipos e em como estes podem ser definidos. O inconsciente é formado por duas partes, sendo a primeira pessoal e desenvolvida pela experiência individual, traduzida em hábitos e atividades práticas do cotidiano. A segunda é considerada inata por psicanalistas e psicólogos, correspondendo à coletividade. Jung, ainda sobre o inconsciente coletivo, ressalta: “contrariamente à psique pessoal ela possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são ‘cum grano salis’ os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos” (JUNG, 2002, p.15), sendo formados por modelos arcaicos e universais que definem tipos, seja de pessoas, comportamentos, ou coisas, conhecidos como arquétipos.

Jung (2002) os classifica como conteúdos pertencentes ao inconsciente coletivo, mas que sofrem influência da consciência individual na qual são manifestados. O modo como o inconsciente pessoal projeta os arquétipos de maneira prática determinará seu comportamento no âmbito social. Seguindo essa lógica, o consciente masculino e feminino seria preenchido por conteúdos psíquicos do sexo oposto, presentes no inconsciente. Para simplificar, as mulheres possuem uma parte de seu inconsciente masculino, conhecida como *animus*, e os homens, por outro lado, possuem o oposto, feminino, a *anima*.

Os direitos das mulheres japonesas foram tolhidos em vários momentos da história, mas a Era Meiji (1868-1912), período após a queda da família *Tokugawa*, simbolizou um dos golpes mais duros à liberdade feminina. Naquela época, o código civil japonês transferiu a autoridade da família aos herdeiros homens, junto com os bens e propriedades,

retirando a legitimidade das filhas sobre a herança. A mulher foi relegada à administração do lar e da família, servindo a marido e filho com devoção e dedicação extremas. Os gestos foram controlados e não era permitido o contato visual em meio a uma conversa, bem como roupas que revelassem demais o corpo da mulher.

No Ocidente, o período feudal e a ascensão do catolicismo contribuíram para a alienação da sociedade e para o estabelecimento de papéis de gênero. O acesso ao conhecimento era estritamente proibido às mulheres e, quando as primeiras ciências médicas despontaram na Europa medieval, o poder das parteiras, curandeiras e xamãs foi visto como uma ameaça às novas técnicas emergentes. Mesmo quando os reis não possuíam herdeiros homens, todos os esforços da sucessora mulher eram frustrados após o casamento, já que o poder do monarca era passado ao seu marido e ele se tornava a autoridade suprema. A dualidade da mulher data desta época, na qual ela só poderia se encaixar em dois arquétipos: o de pura, virgem e casta, ou impura, vagabunda e entregue aos prazeres da carne.

As definições de feminino e masculino, homem e mulher, possuem forte influência sociocultural, religiosa e histórica. Enquanto as mulheres foram relegadas aos serviços domésticos, tiveram suas capacidades intelectuais desprezadas e o direito aos seus corpos e sexualidade reprimidos, os homens foram separados de sua inteligência emocional, capacidade intuitiva e sensibilidade. Todos esses fatores levaram à disseminação da masculinidade tóxica, do sexismo e da misoginia.

METODOLOGIA

Durante o levantamento do estado da arte nos anais da Compós, do Intercom Nacional e do Laboratório de Pesquisa em Comunicação do Curso de Jornalismo da Universidade Franciscana para a produção do estudo feito em 2020, verificou-se a inexistência de trabalhos que abordassem a discussão da representação feminina em animações japonesas por meio de um *podcast*. Assim, devido a uma já relevante trajetória, o *podcast Otaminas* foi criado em 2018 e possui uma equipe formada apenas por mulheres, dedicando-se à representatividade do público feminino *otaku*.

A pesquisa teve início com a seleção do *corpus*, etapa na qual a análise de conteúdo foi usada para a pré-análise dos *podcasts* publicados na plataforma *Spotify*. Após a delimitação do tema de pesquisa, do problema, dos objetivos específicos e do referencial teórico, partiu-se para a seleção do número final de amostras. Duas temáticas tornaram-se

parâmetro para a separação dos programas, sendo escolhidos aqueles que contemplassem a representação feminina e concepções sexistas reproduzidas nas animações japonesas. A escolha de temas-chave, ou palavras-chave, também segue os parâmetros da análise de conteúdo quanto à organização do *corpus* a partir de unidades de registro.

Em um universo de 51 programas, apenas seis foram escolhidos para a análise final. No caso deste artigo, análises referentes a dois *podcasts* foram escolhidas para representar o universo original da pesquisa, contemplando a regra da representatividade presente nos estudos de análise de conteúdo, segundo a qual “a amostragem será rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial” (DUARTE; BARROS, 2005, p. 293). Para tanto, os episódios #18 Estupro como recurso narrativo e #48 Patriarcado e Liberdade Feminina – O conto da Princesa Kaguya ft. Not so Kawaii compõem o *corpus*.

A fim de contemplar os objetivos específicos – avaliar como os termos dos campos semânticos feminista e otaku aparecem nos programas; e interpretar como os feminismos oriental e ocidental são evocados durante a discussão e compreender como aspectos ligados ao feminino são ressignificados na fala das *podcasters* –, optou-se pelo uso de técnicas de análise de discurso de linha francesa, em detrimento da análise automática do discurso. Essa escolha se justifica por tratarmos de um estudo linguístico e como ele se estrutura para produzir enunciados embasados em determinada tendência ideológica. Compreender como a criação de significados e as interpretações funcionam implica em admitir o discurso como o efeito de sentido criado entre os agentes da fala, transformando-o em um ato social e comunitário, portanto, não individual.

A MISOGINIA E O ESTUPRO COMO RECURSO NARRATIVO: UM OLHAR SOBRE A PROBLEMATIZAÇÃO PROPOSTA EM *OTAMINAS*

Episódio #18 Estupro como recurso narrativo¹⁰

O episódio de número 18 tem 90 minutos e oito segundos de duração e conta com a presença de Malu, a *commitment manager* da *Crunchyroll Brasil*, empresa que oferece acesso a animes, mangás e uma loja voltada ao público *otaku* mediante a assinatura de planos. Além dela, Tati, Ritinha e Moo Chan também fazem parte da discussão.

¹⁰ Disponível em:

<<https://open.spotify.com/episode/7cDzah9jIGualtfgUIpNeC?si=MTH1YPAdSn2R1fRqrFHI-w>>. Acesso em: 21 Jun. 2021.

Logo no início do programa, Tati deixa claro que o objetivo do *Otaminas* é problematizar o consumo consciente de temáticas delicadas em animações, para que o público saiba diferenciar a ficção da realidade e entender a forma como o estupro é abordado. A diferenciação entre o mundo real e os universos criados por obras ficcionais tem sido alvo de debates ao longo dos últimos anos, já que o conhecimento social, o qual se refere às relações interpessoais e suas características, é adquirido por meio do que consumimos nas mídias de massa e segmentadas.

O modo como a violência sexual é retratada pode ajudar a reforçar mitos sobre o estupro, como a ideia de que o estuprador é um completo desconhecido e de que a vítima é abordada em lugares ermos, em situações que saem de sua rotina. Estudos comprovam que, em mais da metade dos casos, o agressor é um parente, namorado ou conhecido e que a violência ocorre dentro da residência da vítima.

Tati destaca a dificuldade enfrentada para discutir o assunto: “geralmente as pessoas dizem que não podemos problematizar porque não faz parte da nossa cultura” (33min e 11s), ao que Malu acrescenta: “todo mundo fica se perguntando o que vai mudar se falarmos sobre isso aqui no Brasil e, como gerente de compromisso, posso afirmar que tudo se resume a uma questão de consumo” (35min e 51s). Tati ainda acrescenta que “ignorar a cultura sexista do Japão não é uma forma de demonstrar respeito pelos outros aspectos culturais do país” (33min e 50 segundos).

Mais uma vez, o choque entre as visões ocidentais e orientais pode ser constatado no diálogo estabelecido entre as *podcasters*, e seus argumentos recebem um peso maior a partir do momento em que Malu é apresentada como uma autoridade no assunto. Por meio de uma convenção linguística, segundo a qual se atribui valor ao discurso no momento em que os interlocutores assumem determinados papéis, o argumento de Malu, como gerente de compromisso da *Crunchyroll*, ampara a necessidade do consumo consciente das animações e a diferença entre a forma como tratamos o estupro no Brasil e no Japão.

Uma matéria publicada pelo site da revista *Exame*, em maio de 2019¹¹, ilustra a ambiguidade da legislação japonesa em casos de estupro. O agressor só pode ser condenado caso seja comprovado que a violência, ou método de intimidação usado por ele, torne a defesa da vítima difícil ou impossível. O estupro é considerado como “prática sexual forçada” desde o acréscimo de uma emenda ao código penal em 2017. Caso a

¹¹ Disponível em: <<https://exame.com/mundo/japao-o-pais-onde-o-consentimento-sexual-nao-significa-nada/>>. Acesso em: 21 Jun. 2021.

agressão ocorra aproveitando-se de um momento de perda de consciência ou incapacidade de a vítima resistir, ela é considerada relação sexual “quase” não-consensual.

No Brasil, o crime de estupro está previsto no artigo 213 do Código Penal de 1940, prevendo pena de seis a 10 anos a quem forçar alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou qualquer outro ato libidinoso. Se a vítima tiver entre 14 e 18 anos, a pena pode chegar a 12 anos de prisão. Em 1990, a partir de uma reformulação na lei original, o crime passou a ser considerado hediondo e, em 2013, de acordo com a lei 12.845, o SUS é obrigado a prestar atendimento emergencial a todas as vítimas de violência sexual. Em solo brasileiro, apenas a palavra da vítima basta para que um inquérito seja aberto, mas, para que a acusação seja mantida e a investigação tenha andamento, é necessária pelo menos uma prova.

Voltando ao programa, as participantes explicam a motivação para a escolha do tema, sendo esta baseada no anime *Tate no Yuusha*. A situação discutida aqui se relaciona ao fato de uma das personagens, a princesa Malty, ter usado uma falsa acusação de estupro para incriminar o protagonista, Naofumi. Aqui nos deparamos com mais um momento no qual o discurso construído na animação é ressignificado em *Otaminas*. Embora seja usada como recurso para desenvolver a personalidade de Naofumi, assim como vemos em outras narrativas nas quais é inserida, a falsa acusação leva à deslegitimação da palavra da vítima.

Soma-se a isso a questão levantada por Malu (49min e 47s) e o detalhe de que o universo do anime é sustentado por uma base apresentada como matriarcal: “o problema é que eles criam o personagem para você ter pena dele, então você cria um carisma absurdo por ele em cima dessa história que é claramente mentirosa. Aí você acaba agarrando uma raiva, não só da personagem, mas de mulheres, porque olha como elas são mentirosas e aproveitadoras”.

A partir dos estudos linguísticos de Charaudeau (2008), compreende-se que, a menos que uma situação de comunicação seja observada de maneira isolada de seu contexto, esta possui uma duplicidade de sentidos, dividida entre o que está implícito e o que está explícito no discurso. Usando esse método de análise, podemos traduzir as escolhas do autor de *Tate no Yuusha*, fazendo questão de frisar que Naofumi está inserido em um sistema matriarcal e construindo a personalidade de Malty a fim de que o público passe a odiá-la, como uma tentativa implícita de apelo à misoginia. Por outro lado, o incentivo ao comportamento sexista masculino também leva as mulheres japonesas a desenvolverem certo receio de se relacionar com homens, culminando em um ciclo que se

retroalimenta, tanto de misoginia¹², quanto de misandria¹³, como afirma Moo Chan (54min e 36s).

Cientes da influência do conteúdo consumido nas mídias de massa sobre nosso comportamento social e por meio dos dados trazidos em *Otaminas*, pode-se destacar a importância de um debate claro e objetivo sobre a cultura do estupro. Se as animações continuarem a retratar a violência sexual por um viés erótico e, implicitamente, pregando o direito masculino sobre as escolhas sexuais femininas, continuaremos presos a uma ideia de falsa liberdade sexual e consentimento.

Episódio #48 Patriarcado e a Liberdade Feminina – O conto da princesa Kaguya ft. Not so Kawaii¹⁴

O programa de número 48 tem 109 minutos e 43 segundos e, além de Tati, Ritinha, Sayumi e Jô, conta com a presença de Miwa e Miyu, do *podcast Not so Kawaii*. Como o nome já sugere, o objetivo desse episódio é analisar o filme *O conto da Princesa Kaguya*, uma produção dos *Studios Ghibli* lançada no Brasil em 2015 e indicada ao *Oscar* de Melhor Animação no mesmo ano. Tati ressalta: “(...) a gente vai fazer essa análise, ligando o filme com patriarcado, maternidade e liberdade feminina” (2 min e 6s).

Ela ainda acrescenta: “(...) acho importante fazer um paralelo com a nossa vivência do Brasil, mas sem essa pose de ‘white savior’”(12 min e 11 s). Nessa fala, temos a clara intersecção dos feminismos oriental e ocidental à medida que Tati reforça a necessidade de comparação entre dois contextos históricos, sociais e culturais diferentes, mas sem rebaixar as asiáticas à posição de mulheres que precisam ser salvas.

Observando com mais cautela, a partir da análise do conjunto de possíveis interpretações, ainda podemos identificar uma crítica à visão do feminismo ocidental. Esse método de análise proposto por Charaudeau (2008) se baseia nos dados que nos são oferecidos pelo contexto no qual o discurso se insere. No momento em que Tati esclarece que o objetivo do *Otaminas* não é assumir o papel de “salvadoras brancas” (*white saviors*), ela faz ligação à postura excludente do feminismo nascido na América, já que ele se originou como um movimento de mulheres brancas, heterossexuais e de classe média. Foi

¹² Ódio, repulsa ou desprezo pelas mulheres.

¹³ O oposto de misoginia. Repulsa, desprezo ou ódio por indivíduos do sexo masculino.

¹⁴ Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/74mumi4SFXMUuHvoqpVYzD?si=lkrXQo3mStWtlxBlDKHxHA>.

Acesso em: 21 Jun. 2021.

da incompatibilidade de pautas e da urgência de discutir as necessidades das mulheres orientais que o feminismo asiático surgiu.

Além de buscar a igualdade de gênero, empoderamento feminino e de lutar contra os sistemas patriarcais, essa vertente feminista se destina à inclusão racial e étnica, ao resgate histórico-cultural, à aceitação dos corpos não-brancos, luta anti-imperialista e anticolonialista, solidariedade antirracista, derrubada de estigmas sociais ligados à subserviência, fetichização e estrangeirismo e ao combate à desumanização gerada pela exploração de colonizadores ocidentais. Enxergar as mulheres asiáticas como incapazes de se defender, ou de expressar suas vontades, adotando a postura de *white savior*, também é uma forma de opressão.

Kaguya Hime no Monogatari foi inspirado no *Conto do Cortador de Bambu*, uma das principais obras clássicas do folclore japonês. Diferente da narrativa original, a animação é feita sob a ótica de Kaguya, nos dando acesso aos seus pensamentos e emoções de forma direta. No conto, um velho cortador de bambu se depara com uma haste que emana um brilho misterioso e decide cortá-la. Em seu interior, repousava uma pequena princesa adormecida, do tamanho de um polegar, a qual o velho decide levar para casa. Kaguya cresce rodeada por outras crianças, em sua maioria meninos, mantendo a liberdade de seu espírito enquanto a trama se passa no ambiente rural.

Ritinha lembra-se das exigências que recaem sobre os ombros das meninas ao atingirem certa idade: “depois de uns 13 anos, os meninos já não podem entrar mais no seu quarto, você já não pode mais não usar um sutiã, porque o seu seio já tá começando a aparecer na roupa (...) a malícia vem com essa carga, de que a gente tem que se cobrir” (28 min e 53 s). “A gente tem que se cobrir, eles não, eles podem andar sem camisa por aí”, ressalta Jô (29 min e 12 s).

Mais uma vez, vemos a ressignificação, dessa vez unida ao feminismo oriental e fortemente ligada à divisão de papéis de gênero. As mulheres precisam se cobrir, tomar cuidado, evitar certas condutas consideradas “dúbias” e excessos, precisam abrir mão de sua liberdade em diversas esferas, mas os pais não podem ensinar aos filhos homens a importância do respeito. A diferença de tratamento entre homens e mulheres foi construída por uma estrutura social baseada no patriarcalismo. Muito citado pelo movimento feminista, o patriarcado é a base da sociedade contemporânea e pode ser definido como a autoridade institucional imposta ao homem sobre a mulher em todos os quesitos, sejam eles políticos, econômicos, físicos, emocionais, culturais, entre outros.

A história continua, e o pai de Kaguya passa a encontrar ouro e tecidos finos em cada broto de bambu que corta, dinheiro este que é usado para construir um palácio suntuoso na cidade. Quando a construção é terminada, a princesa é retirada da aldeia e afastada de seus amigos sem qualquer aviso. Ela é então afastada de todos aqueles com quem convivia, forçada a deixar suas origens para trás e se submeter a uma nova vida como nobre, mesmo que o título tenha sido comprado. A jovem passa por um processo de educação formal, tendo uma tutora para ensiná-la a falar de maneira apropriada, bordar, tocar instrumentos, cantar e se portar socialmente.

Sobre essa necessidade de agradar, Tati acrescenta: “(...) essa questão, não só da etiqueta, mas desses sacrifícios que a gente, como mulher, tem que fazer, é muito mais para agradar um olhar masculino do que o feminino (...) por exemplo, as sobrancelhas, que elas tiram totalmente (...)” (37 min e 53 s). A descaracterização feminina e imposição de padrões estéticos e comportamentais atuam diretamente na liberdade feminina e vão de encontro aos ideais propostos pelo patriarcado. Aqui o anime é ressignificado por meio do feminismo, expondo como esses padrões utópicos ainda nos afetam nos dias atuais.

Citando um trecho do livro de Livia Cabrera, *Da Fragilidade à Histeria: subjetividade feminina*, Tati diz: “disciplinar o corpo feminino sempre foi uma das formas mais comuns de controle da mulher e prevenção de sua rebeldia”. Ao aplicar o trecho ao *Conto da Princesa*, Tati ressignifica a intenção do pai de Kaguya, que aos poucos passa a tentar controlá-la no intuito de satisfazer seus sonhos de nobreza e conter o espírito livre da filha. A mãe da princesa também é silenciada, embora seja a única a ouvi-la em sua dor e vontade de retomar os velhos costumes.

Kaguya cai aos poucos em uma tristeza profunda, causada pelo conflito entre o medo de decepcionar o pai e a vontade de voltar a ser livre. É nesse momento que surgem cinco pretendentes dispostos a desposá-la, aos quais ela, não disposta a ceder, atribui a tarefa de buscar os tesouros citados por eles em suas ofertas de casamento.

“Assisti de novo, tomando notas e nessa parte eu só escrevi assim: mentira (...) porque é tudo baseado em mentiras, desde a parte de cortejar, até depois, quando eles trazem os tais itens, é tudo mentira”, afirma Jô (66 min e 05 s). Se analisarmos a fundo a postura de Kaguya junto à fala da *podcaster*, identificamos um costume comum nas sociedades antigas, tanto orientais quanto ocidentais: os casamentos arranjados por relações de poder e, nesse caso, o desejo de ter posse sobre a princesa. É necessário destacar que, a essa altura da narrativa, Kaguya estava envolta em mistério e admiração,

gerando assim a expectativa cega dos nobres, incluindo o próprio Imperador, de “ter” a jovem e exibi-la como uma conquista.

Sobre a relação de Kaguya com o Imperador, em especial na cena em que ele a abraça a força, depois de ter invadido seus aposentos, Tati diz: “(...) quando ele assedia ela é o momento em que a essência dela pede socorro (...) bateu muito forte pra mim porque mulheres que sofrem assédio, que sofrem abuso, com certeza têm esse pedido de socorro mental” (70 min e 35 s). Essa busca desesperada por ajuda é ouvida pelo povo divino do qual a princesa descende, o “povo da lua”, que decide buscá-la. Kaguya sabia, desde o início, que teria que retornar e esquecer tudo o que aprendera na Terra, e é exatamente o que acontece quando ela, por fim, veste o manto e a coroa ofertados pelo povo celestial.

Assim, *Kaguya Hime no Monogatari* é transformado pelas *Otaminas* em uma história sobre silenciamento e liberdade e feminina, opressão patriarcal, abuso parental, padrões, estereótipos e papéis de gênero. É através do feminismo ocidental e do respeito à sua vertente asiática que as *podcasters* constroem uma análise amparada por contextos sociais, culturais e históricos, possibilitando a identificação de mulheres de diferentes raças, etnias e culturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recorte de dados deste artigo torna evidente a necessidade de problematizar o modo como as mulheres são representadas nas mídias. Embora a liberdade para discutir alguns temas tenha crescido nos últimos anos, ainda encontramos resistência para falar sobre a sexualidade feminina, a cultura do estupro, papéis de gênero, maternidade, as consequências do patriarcado para homens e mulheres e outros tópicos fortemente enraizados em nossa história, cultura e sociedade. A fim de abordar tais questões, o problema central da pesquisa que deu origem a este artigo foi compreender como o discurso feito pelo *podcast Otaminas* desconstrói essa representação, sendo o método de análise de discurso de linha francesa o escolhido para responder a essa dúvida, por meio dos objetivos específicos da pesquisa.

A princípio, a relevância da temática poderia ser questionada, devido às diferenças culturais existentes entre Brasil e Japão, mas, durante a pesquisa para compor o contexto sociocultural da pesquisa realizada em 2020, foi possível constatar algumas semelhanças quanto às questões de gênero em ambos os países. Os valores sociais, culturais e históricos das duas nações foram construídos sobre bases patriarcais, atuando diretamente no reforço

aos papéis de gênero, na transformação da sexualidade feminina em tabu e na produção de conteúdos midiáticos misóginos e sexistas. Este conteúdo é exibido de maneira cômica e absorvido por uma parte do público ainda jovem que, sem as informações necessárias para contestá-los, passará a reproduzir tais comportamentos. Por fim, a dificuldade de debater certos temas ligados a animações japonesas advém do preconceito ainda existente contra a comunidade *otaku*.

O primeiro objetivo consistiu na avaliação do contexto no qual os termos do campo semântico feminista e *otaku* apareciam no programa. Quando os termos *otakus* apareceram, foram inseridos em seu contexto original, com a tradução literal da palavra e sua significação dentro do anime. Em seguida, passavam por uma nova contextualização, a partir do conhecimento prévio das *podcasters* sobre aspectos da cultura japonesa. Quanto à verificação de como as visões orientais e ocidentais de feminismo são evocadas durante no programa, há uma tendência de união entre as duas visões em vários momentos. Esse fato pode ser observado no Episódio #48 Patriarcado e a Liberdade Feminina – O conto da princesa Kaguya ft. Not so Kawaii, quando Tati salienta a importância de compreender o debate proposto pelo anime sem assumir a postura de *white savior*.

O feminismo é o pilar que sustenta o discurso de *Otaminas* em todos os *podcasts*. Ele é evocado para promover as análises dos animes, além de ser o responsável pelos questionamentos que surgem, ou são respondidos no decorrer dos programas. As *podcasters* também o utilizam para quebrar estereótipos ligados a gênero, combater a masculinidade tóxica e os valores patriarcais presentes nos animes, sendo as reflexões feitas de maneira a não ofender a cultura japonesa e não deslegitimar a luta das mulheres asiáticas por seus direitos.

O último objetivo, a observação de como aspectos ligados ao feminino representados no anime são ressignificados na fala das *podcasters*, foi compreendido como uma junção dos objetivos anteriores. Para trazer uma nova perspectiva sobre cenas ou narrativas específicas dentro das animações, as *Otaminas* uniram explicações acerca de termos *otakus*, contextos históricos, culturais e sociais japoneses e brasileiros, as visões orientais e ocidentais do feminismo e, até mesmo, experiências pessoais.

Ficou claro que as *podcasters* moldam seu discurso a partir da comunidade discursiva na qual estão inseridas, neste caso, a de mulheres *otakus* feministas. Sobre a comunidade discursiva, Maingueneau afirma que:

[...] é o grupo ou organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva. A “comunidade discursiva” não deve ser entendida de forma excessivamente restritiva: ela não remete unicamente aos grupos (instituições e relações entre agentes), mas também a tudo o que esses grupos implicam no plano da organização material e modos de vida. (MAINGUENEAU, 1997, p.56)

As *Otaminas* desconstroem a representação feminina em animações japonesas apenas quando ela não condiz com a realidade feminina, inferioriza e segrega as mulheres, impondo padrões estéticos e comportamentais arcaicos e, muitas vezes, desumanos. Os debates promovidos nos episódios são estruturados para que haja um momento para a exposição da sinopse do anime, a opinião de cada uma das participantes sobre ele e, então, a problematização de determinados aspectos vistos como tabus.

É importante que saibamos compreender o quão plural é o feminismo, bem como as pautas discutidas por ele. Estamos acostumados com uma visão ocidental, americanizada e excludente de um movimento social que deveria lutar por todas as questões concernentes à igualdade de gênero, sem privilegiar etnias ou classes sociais. Exigir que tenhamos voz ativa, como sujeitos sociais, demanda que aprendamos a ouvir. Ouvir mulheres de diferentes partes do mundo, suas histórias de vida e as dificuldades oriundas dos sistemas socioculturais nos quais estão inseridas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rani. Representatividade: o que isso significa?. **Politize!**, 2020. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/representatividade/>>. Acesso em: 23 Out. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

CONSOLIM, Veronica Homs. A história da primeira onda feminista. **Justificando**, 2017. Disponível em: <<https://www.justificando.com/2017/09/14/historia-da-primeira-onda-feminista/>>. Acesso em: 14 Mai. 2020.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

EFE. Japão, o país onde o consentimento sexual não significa nada. **Exame**, 2019. Disponível em: <<https://exame.com/mundo/japao-o-pais-onde-o-consentimento-sexual-nao-significa-nada/>>. Acesso em: 13 Out. 2020.

JUNG, Carl. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise de Discurso**. 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

MEDEIROS, Marcello S. “Podcasting: produção descentralizada de conteúdo sonoro”. **Anais...** 28º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/84071885084469832222151638470992010359.pdf>>. Acesso em: 16 Abr. 2020.

_____. “Podcasting: Um Antípoda Radiofônico”. **Anais...** 29º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/109425410741320594702700363707183744831.pdf>>. Acesso em: 16 Abr. 2020.

PRIMO, Alex F. T. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. **Intexto**, Porto Alegre, n. 13, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/podcasting.pdf>>. Acesso em: 21 Jun. 2021.

SOARES, Nana. Você já ouviu falar em feminismo asiático?. **Estadão**, 2017. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/blogs/nana-soares/voce-ja-ouviu-falar-de-feminismo-asiatico/>>. Acesso em: 07 Nov. 2020.

VASCONCELLOS, Pedro Vicente Figueiredo. **Mangá-Dô, os caminhos das histórias em quadrinhos japonesas**. Dissertação (Mestrado). PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2006.

Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8973/8973_1.PDF>. Acesso em: 11 Mai. 2020.